

# Cesário Verde – Humilhações

Esta aborrece quem é pobre. Eu, quase Job,  
Aceito os seus desdêns, seus ódios idolatro-os;  
E espero-a nos salões dos principais teatros,  
Todas as noites, ignorado e só.

Lá cansa-me o ranger da seda, a orquestra, o gás;  
As damas, ao chegar, gemem nos espartilhos,  
E enquanto vão passando as cortesãs e os brilhos,  
Eu analiso as peças no cartaz.

Na representação dum drama de Feuillet,  
Eu aguardava, junto à porta, na penumbra,  
Quando a mulher nervosa e vã que me deslumbra  
Saltou soberba o estribo do coupé.

Como ela marcha! Lembra um magnetizador.  
Roçavam no veludo as guarnições das rendas;  
E, muito embora tu, burguês, me não entendas,  
Fiquei batendo os dentes de terror.

Sim! Porque não podia abandoná-la em paz!  
Ó minha pobre bolsa, amortalhou-se a ideia  
De vê-la aproximar, sentado na plateia,  
De tê-la num binóculo mordaz!

Eu ocultava o fraque usado nos botões;  
Cada contratador dizia em voz rouquenha:  
– Quem compra algum bilhete ou vende alguma senha?  
E ouviam-se cá fora as ovações.

Que desvanecimento! A pérola do Tom!  
As outras ao pé dela imitam de bonecas;  
Tem menos melodia as harpas e as rabecas,  
Nos grandes espetáculos do Som.

Ao mesmo tempo, eu não deixava de a abranger;

Via-a subir, direita, a larga escadaria  
E entrar no camarote. Antes estimaria  
Que o chão se abrisse para me abater.

Saí; mas ao sair senti-me atropelar.  
Era um municipal sobre um cavalo. A guarda  
Espanca o povo. Irei-me; e eu, que detesto a farda,  
Cresci com raiva contra o militar.

De súbito, fanhosa, infecta, rota, má,  
Pôs-se na minha frente uma velhinha suja,  
E disse-me, piscando os olhos de coruja:  
– Meu bom senhor! Dá-me um cigarro? Dá?...

**Cesário Verde, O livro de Cesário Verde**